

O ESTUDO DA ESCRITA ARGUMENTATIVA: UMA ANÁLISE DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

Camila Ferreira da Silva¹
Cristiane Monteiro da Silva²
Jane Marian³

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise dos operadores argumentativos utilizados na construção da fundamentação teórica de artigos científicos e tem como objetivo compreender a argumentatividade na escrita científica, especificamente na fundamentação teórica. Para a construção do estudo, duas vertentes da linguística foram utilizadas, o primeiro foi o estudo dos operadores argumentativos, este é pautado nos postulados de Ingedore Koch na vertente da Linguística Textual. E o segundo, uma metodologia empírica, de natureza tanto quantitativa quanto qualitativa, pois segue os postulados da Linguística de *corpus*. Para tanto, foram compilados 130 artigos científicos originais, que foram investigados por meio do programa computacional de análises linguísticas AntConc. Os resultados das análises mostraram uma diferença discrepante no uso de cada um dos operadores argumentativos na construção da fundamentação teórica. O método aplicado possibilitou verificar a frequência de cada um dos operadores e oportunizaram uma discussão acerca das escolhas argumentativas e suas respectivas funções. Sendo assim, é importante considerar a continuidade dos estudos a fim de aplicar a teoria abordada e familiarizar os estudantes iniciantes na escrita acadêmica com o diálogo científico e apresentar as possibilidades argumentativas.

Palavras-chave: Artigo Científico; Fundamentação Teórica; Linguística Textual; Operadores Argumentativos; Linguística de *Corpus*.

¹ Aluna do 3º ano do curso de Letras da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2017-2018). *E-mail*: camila_ferreira_silva@hotmail.com

² Aluna do 2º ano do curso de Letras da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2017-2018). *E-mail*: cristiane.silva@mail.fae.edu

³ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail*: jane.marian@fae.edu

INTRODUÇÃO

Cada vez mais cresce o interesse e investimentos em pesquisas científicas, pois estes estudos visam à melhoria e aperfeiçoamento em diversas áreas do conhecimento. Nas universidades há grande parcela de incentivo para a escrita científica por parte dos docentes, que introduzem ao acadêmico o gênero textual⁴: artigo científico. Devido ao fato desse gênero textual ser abordado com mais frequência nas Instituições de Ensino Superior (IES) é necessário que os acadêmicos iniciantes tenham um primeiro contato positivo, com o objetivo de favorecer na motivação e interesse pela pesquisa científica.

Desta forma, os discentes precisam entender todo o processo pelo qual o artigo científico é desenvolvido, desde aprender a ler esse gênero até sua produção, ou seja, a sua estrutura textual, elaboração e exposição das ideias e argumentos, métodos, resultados, discussões e estilo de escrita. Visando a melhoria e acesso a essa área específica, alguns autores (FERRAREZI, 2015; GIL, 2002; SWALES, 1990; SWALES; FEAK, 2009; 2012) têm publicado livros, artigos e manuais de como escrever trabalhos científicos. Explicando assim, de maneira assertiva, o que se espera de um trabalho acadêmico, como organizá-lo e, primordialmente, como apresentá-lo por meio da escrita ou comunicação oral que, normalmente, é apresentada em congressos e seminários.

Seguindo os preceitos da Linguística Textual (LT)⁵, este artigo pretende analisar um dos atos que corroboram para a produção de um texto – a argumentação. De acordo com as premissas de Koch (2011), existe em toda língua operadores argumentativos que possibilitam ao locutor argumentar. A comunicação, oral ou escrita, não é passiva ou neutra, mas sim, uma combinação de elementos, tais como a argumentação, descrição, opinião, afirmação e negação que juntos promovem o diálogo interacional.

Com relação à escrita de um artigo científico, na seção de fundamentação teórica, a argumentação é essencial, pois contrapõem e discute as referências bibliográficas promovendo uma compreensão e esclarecimento da escolha do assunto para a determinada investigação. Neste viés, a presente pesquisa visa observar quais elementos argumentativos são frequentemente utilizados na seção de fundamentação teórica e, se estes, estão de acordo com o que é requerido para a produção escrita de artigos científicos.

⁴ De acordo com Marcuschi (2005, p.1), “os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas”.

⁵ Marcuschi (2012, p.33) propõem “que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais [...]. Em suma a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas”.

1 O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

O gênero textual, artigo científico, estabelece comunicação entre os pesquisadores, objetivando mostrar por meio de produções textuais novas ideias, propostas e avanços nas diversas áreas que abrangem o conhecimento humano, visando resultados que promovam melhorias para o contínuo desenvolvimento da sociedade atual e futura.

Para a maioria das revistas escritas em língua portuguesa, a estrutura é pautada nas normas da ABNT (NBR 6022/2003), que apresenta as regras de organização do artigo científico. Estas são divididas em três seções, sendo os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. O primeiro, compreende o título e subtítulo se houver, os autores, o resumo na língua do texto e as palavras-chave. O segundo, engloba o conteúdo, ou seja, a introdução, o desenvolvimento textual e a conclusão. E o último, envolve o título e subtítulo, resumo e palavras-chave em língua estrangeira, assim como as notas explicativas, referências, glossário, apêndice e anexos.

De um modo geral, o texto deve ser elaborado com uma escrita que contenha impessoalidade, objetividade, clareza, precisão, coerência, coesão e simplicidade (GIL, 2002). Artigos científicos são elaborados e revisados por professores pesquisadores que analisam a qualidade e estilo da escrita incorporada ao texto. Todo autor tem um estilo de escrita, porém, é necessário seguir o modelo de escrita preestabelecido pelo gênero textual, pois este é que delimita as suas características primordiais.

O que compõem o corpo do texto nos artigos científicos é a parte do conteúdo (fundamentação, metodologia, resultados e discussões). Neste artigo será analisado o desenvolvimento textual da seção de Fundamentação Teórica.

1.1 ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica faz parte da seção de desenvolvimento do artigo científico, é nela que se encontra uma grande parcela erudita do texto. De acordo com Gil (2002, p.162) “Esta parte é dedicada à contextualização teórica do problema e a seu relacionamento com o que tem sido investigado a seu respeito [...]”. Segundo o autor quando este elemento é muito extenso, pode ser escrito como uma seção independente, logo após a introdução.

Essa contextualização teórica do problema, descrita pelo autor, é extremamente relevante para que o leitor compreenda qual o estado atual da pesquisa, ou seja, o que já foi investigado por outros autores mediante a mesma questão e o que foi explorado sobre o assunto até o momento. Sempre com o objetivo de avançar no

conhecimento científico. A fundamentação teórica pode estar inserida tanto na introdução quando o artigo é mais curto, objetivo e direto, quanto em tópicos e subtópicos depois da introdução.

Independente do tema escolhido, a revisão bibliográfica é importante para estabelecer um elo entre o objetivo da pesquisa e as propostas e resultados apresentados por outros autores, já que é nessa etapa que são debatidas as ideais e teorias que sustentam o tema. Segundo Gil (2002, p. 162) a revisão literária “[...] não pode ser constituída apenas por referências ou sínteses dos estudos feitos, mas por discussão crítica do estado atual da questão”.

Muitos artigos científicos, redigidos por autores brasileiros, reservam uma grande parte de seu texto para expor um panorama histórico, explicações sobre os autores e suas teses, os prós e contras. Estabelecem uma linha de pensamento em que iniciam relatando os principais autores e suas contribuições para a determinada área e terminam expondo a situação problema do referido artigo. Mas, tal como explicado por Ferrarezi (2015, p.55), “[...] é no referencial teórico que você demonstra ser capaz de articular suas próprias ideias e objetivos já consolidados com outros pesquisadores. O referencial é, assim, um momento de *diálogo científico*”.

Como exposto por Gil (2002), a sínteses desses relatos não devem ser somente uma descrição, mas sim, uma *discussão crítica*, que vai ao encontro do proposto por Ferrarezi (2015) que é necessário compor um *diálogo científico*. Desta forma, é essencial que envolva na produção da fundamentação teórica, entre muitos outros elementos da escrita, a argumentação, apresentando assim, diferentes hipóteses e teorias de tal modo que instigue o leitor a querer saber mais sobre o assunto, logo depois de terminar a leitura do artigo.

2 O ATO DE ARGUMENTAR

De acordo com Koch (2011) a interação do homem na sociedade que ocorre por meio da linguagem caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. A autora defende que:

[...] A ação verbal dotada de intencionalidade, tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2011, p. 17)

Em artigos científicos preza-se o uso de impessoalidade, porém no mesmo instante que o pesquisador está estudando e escolhendo uma linha de raciocínio ligada a autores específicos, já encontra-se argumentando consigo mesmo, ou seja, selecionando de forma cautelosa e com pressupostos pré-estabelecidos. Conforme Ferrarezi (2015, p. 64) explica, “[...] o pesquisador deve ser muito *criterioso* ao escolher as obras que irão fazer parte do referencial teórico, pois um verdadeiro *diálogo científico* começa a ser construído no momento de citar outros trabalhos e comentá-los”.

As ideologias propostas em artigos científicos devem estar respaldadas nos pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa para um nível superior de entendimento ou de contradição. É muito importante que durante a produção do artigo científico o pesquisador saiba quais estruturas linguísticas irá selecionar para estabelecer uma comunicação eficaz com quem estará lendo o artigo. É necessário estabelecer as diferenças entre a descrição dos conhecimentos preestabelecidos com os argumentos das novas propostas a serem avaliadas e posteriormente apresentadas.

2.1 O TEXTO ARGUMENTATIVO

Todo texto possui uma função, o autor se expressa tendo um objetivo e a intenção de alcançar um determinado público e alvo. Van Dijk (1983, apud CABRAL, 2017, p. 244) afirma “[...] que as estruturas textuais são utilizadas pelos indivíduos para elaborar seus propósitos, o que quer dizer que os produtores de textos recorrem à organização textual e as escolhas linguísticas para atingir seus objetivos”. Para que a mensagem, que o locutor pretende passar seja compreendida, é importante que ele saiba usufruir das possibilidades linguísticas textuais.

Para a fundamentação teórica, a sequência linguística tipo argumentativa, é o ponto chave para estabelecer a coerência entre os conceitos dos autores referenciados e as novas hipóteses do pesquisador, ao direcionar o discurso a determinadas conclusões, o autor precisa de estratégias argumentativas que defendam a sua ideia e que persuadem o leitor.

Um texto argumentativo é produzido para fazer crer e/ou fazer agir alguma coisa ao interlocutor (CABRAL, 2017, p. 244). A argumentação nas produções textuais, tendo em vista que o texto geralmente é uma unidade complexa usada em situações para resolver problemas na sociedade (SANDING, 2009, apud CABRAL 2017), é de suma importância para promover ao artigo um valor científico. As teses que servem como apoio à construção do texto também são fontes para justificar, argumentar, discutir novas propostas e/ou alternativas para o mesmo assunto.

Tendo como respaldo a tese defendida por Ducrot, Ascombre e Vogt (apud KOCH, 2011, p. 101), de que a argumentação é inerente à língua, ou seja, “[...] a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentando ao uso linguístico, mas, pelo contrário, está inscrita na própria língua”. Permanecendo na perspectiva dos autores, a frase toma significado diferente, não é somente uma estrutura que combina signos linguísticos regidos pela gramática, mas sim, “[...] um conjunto de instruções concernentes às estratégias a serem usadas na decodificação dos enunciados pelos quais a frase se atualiza”. Entende-se que as frases carregam instruções codificadas gramaticalmente levando ao reconhecimento de um valor retórico ou argumentativo.

A sequência do discurso⁶ é constitutiva do enunciado que determina os encadeamentos possíveis de outros enunciados, que dão continuidade a outros, e assim por diante. Nota-se que alguns enunciados são elaborados com a intenção de orientar o leitor para certos tipos de conclusões que levam a exclusão de outros. Para que isso ocorra e o pesquisador consiga identificar no texto as ideias que ele defende e as que ele exclui, a orientação discursiva deve estar amparada com os operadores argumentativos ou discursivos, pois “existe na gramática de cada língua uma série de morfemas responsáveis exatamente por esse tipo de relação.” (KOCH, 2011, p. 101). Baseando-se nos estudos de Koch (2010) os principais tipos de operadores argumentativos são apresentados no quadro 1:

QUADRO 1 – Operadores Argumentativos

continua

Operadores argumentativos	Função nos textos
Até, mesmo, até mesmo, inclusive;	Assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.
E, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de, além disso, a par de;	Somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa)
Portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente;	Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores.

⁶ De acordo com Koch (2011, p.19), “o termo *texto*, como também ocorre com o termo *discurso*, tem sido conceituado de maneiras bastante diversas. [...] Em se tratando da linguagem verbal, tem-se o *discurso*, atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação. O discurso manifesta-se linguisticamente por meio de textos – em sentido estrito – que consiste em qualquer passagem falada ou escrita”.

Operadores argumentativos	Função nos textos
Ou, ou então, quer... quer, seja... seja.	Introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.
Mais que, menos que, tão... como;	Estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão.
Porque, que, já que, pois, etc.	Introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.
Mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.) embora (ainda que, posto que, apesar de, etc).	Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.
Já, ainda, agora, etc.	Operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos.
Às vezes, tais operadores são morfológicamente relacionados, como é o caso de <i>um pouco</i> e <i>pouco</i> .	Operadores que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a <i>afirmação total</i> e o outro, numa escala orientada para a <i>negação total</i> .

FONTE: Tabela organizada segundo os postulados sobre operadores argumentativos de Koch (2010 p. 31-39)

Durante a produção de um artigo científico, visa-se comprovar ao leitor que a pesquisa proposta possui dados e resultados baseados em referências seguras e que tem muito a enriquecer se utilizado conscientemente no meio acadêmico. Para isso, é importante saber comunicar-se utilizando de forma correta os elementos da argumentação.

Neste sentido, propomos uma análise da fundamentação teórica, de artigos científicos, partindo da análise dos operadores argumentativos, para avaliar quais são os padrões de estrutura frasal argumentativa e como eles são empregados no texto.

3 METODOLOGIA

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos neste trabalho, adotou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa. A fim de analisar os artigos que foram compilados, utilizamos da metodologia empírica baseada na Linguística de Corpus. Essa ciência “[...] não se dedica a um assunto definido [...]. Ao contrário, ocupa-se de vários fenômenos comumente enfocados em outras áreas (léxico, sintaxe, textura)” (SARDINHA, 2004, p. 35).

Estuda-se a língua numa perspectiva diferente da de outros linguistas, como exposto por Sardinha (2004), a Linguística de Corpus se baseia nos pressupostos de

Halliday (1991; 1992), que analisa a linguagem como *sistema probabilístico*, influenciado pelo contexto que os falantes os empregam. Pressupõe-se que traços linguísticos são possíveis de ocorrerem entre os locutores, mas estes possuem maior ou menor frequência de uso dependendo do contexto empregado (SARDINHA, 2004). São analisadas as probabilidades e as frequências de palavras que os falantes utilizam ao se comunicarem, seja de maneira verbal ou não verbal.

Pesquisas realizadas por Biber (1998; 1995 apud SARDINHA, 2004, p. 31) denotam que “[...] os traços linguísticos variam sistematicamente com relação aos textos típicos de contextos comunicativos específicos”, ou seja, a variação que ocorre entre as probabilidades de uso não é aleatória. De acordo com Sardinha (2004, p.31),

Dizer que a variação não é aleatória, na verdade, é afirmar que a linguagem é padronizada. A padronização se evidencia pela recorrência, isto é, uma colocação, coligação ou estrutura que se repete significativamente mostrando sinais de ser, na verdade, um padrão lexical ou léxico- gramatical. (SARDINHA, 2004, p. 31)

A linguagem, vista da perspectiva da Linguística de Corpus, possui traços probabilísticos que dependem do contexto em que os falantes estão inseridos. Devido a este acervo de vocábulo disponível, os locutores interagem entre si, utilizando certas expressões gramaticais com maior ou menor frequência. Estas expressões não possuem arbitrariedade, mas sim, há uma padronização do léxico que permite ser utilizada regularmente. Segundo Sardinha (2004, p. 31) o léxico apresenta além de regularidade, uma variação sistemática.

Diante dessa afirmação, ao analisar os operadores argumentativos presentes nos artigos científicos compilados, visamos à língua como sendo um meio de comunicação comum entre seus usuários, que por sua vez, possuem um léxico-gramatical probabilístico argumentativo, que ao ser influenciado pelo contexto inserido, possui diferentes frequências de ocorrência.

3.1 COMPILAÇÃO DO *CORPUS* DE ESTUDO

O *corpus* deste estudo foi composto por 130 artigos científicos da área administrativa com ênfase em planejamento estratégico de empresas e também na área de Gestão de Pessoas em organizações públicas e privadas. Estes artigos foram redigidos por falantes nativos da língua Portuguesa Brasileira e são classificados como artigos originais ou de divulgação por apresentarem uma seção própria para a fundamentação teórica, correspondendo ao objetivo planejado para análise.

Foram estipuladas diretrizes para a seleção dos artigos. Primeiro, a área de atuação administrativa, com ênfase em planejamento estratégico e gestão de pessoas. Segundo, pesquisar no site oficial da Qualis⁷ quais são as revistas conceituadas. Desta pesquisa foram escolhidas 12 revistas, cada qual com o número estipulado de 6 a 15 artigos por revista, como exposto no quadro 2.

QUADRO 2 – Organização dos Artigos Científicos Compilados⁸

Revistas (Classificação Qualis)	Quantidade de artigos científicos por revista
BBR (A2)	10
FACES (B2)	08
Gestão.org (B2)	14
Mackenzie (B1)	12
O&S (A2)	06
RAI (B1)	07
RAUNIMEP (B2)	12
RAUSP (A2)	15
RCA (B1)	09
READ (B1)	11
REEN (B2)	13
REGE (B1)	13
Total:	130

FONTE: As autoras (Atualizado em 2018)

Foram no total 130 artigos científicos selecionados, sendo que 50 artigos correspondem à área de Gestão de Pessoas e 80 artigos sobre planejamento estratégico em empresas.

Após isso, todos os artigos foram convertidos do formato PDF para TXT. Como o objetivo era a análise da construção textual da fundamentação teórica, a seção da fundamentação teórica foi separada do restante do texto. E para melhor visualizar os *corpora* foi utilizado o editor de texto *Notepad++*.

⁷ Sistema brasileiro que classifica os periódicos científicos com notas de A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C)

⁸ Nomes completos das revistas citadas: Brazilian Bussiness Review (Edição em Português Online); Revista de Administração FACES Journal; Revista Eletrônica de Gestão Organizacional; Revista de Administração Mackenzie; Revista Organizações & Sociedade; Revista de Administração e Renovação; Revista de Administração da UNIMEP; Revista de Administração da USP; Revista de Ciências da Administração; Revista Eletrônica de Administração; Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios e Revista de Gestão.

A última ferramenta de análise utilizada foi o AntConc desenvolvida por Laurence Anthony⁹, que possibilita em um único programa computacional, analisar o *corpus* construído de maneira quantitativa e qualitativa, examinando assim o texto desde a frequência das palavras até as linhas de concordâncias presentes no corpus. Por meio desse *software* foram analisadas as estruturas frasais que contêm os pronomes argumentativos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas as frequências dos operadores argumentativos de acordo com os nove grupos apresentados por Koch (2010). O elemento mais frequente nas fundamentações teóricas foi o operador argumentativo “e”, em contrapartida, o menos utilizado foi o “mais que”. Diante desta análise percebeu-se também que alguns dos operadores que não tiveram ocorrências nos corpora foram: *a par de, ou então, apesar de que, pouco e um pouco*.

A partir de uma lista de frequência dos operadores argumentativos mais repetidos nos corpora é que os dados foram analisados. O objetivo era observar como esses itens lexicais se comportavam no texto e se estavam de acordo com os pressupostos de Koch (2010). As frequências dos operadores constam no quadro 3.

QUADRO 3 – Frequência dos Operadores Argumentativos

N.	Operadores	Frequência por palavra
1	e	433
2	ou	297
3	mas	294
4	ainda	284
5	pois	271
6	já que	51
7	até mesmo	37
8	mais que	7

FONTE: As autoras (2018)

⁹ Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software.html>> Acesso em: maio 2018.

Pode-se observar que a argumentação mais utilizada, especificamente, na área pesquisada, é aquela que indica para o leitor a soma de argumentos a favor de uma única conclusão. Como aponta no Quadro 4:

QUADRO 4 – Exemplos com o operador argumentativo “e” FONTE: As autoras (2018)

[...] A obtenção de níveis mais elevados de comprometimento dos funcionários é extremamente importante no atual mercado, no qual a qualidade e a satisfação dos clientes são chaves para o sucesso competitivo .
[...] O planejamento estratégico participativo e a comunicação conjunta dos objetivos aumentam a orientação da ação reduzindo as dissonâncias .
Legenda: Argumentos Operador argumentativo Conclusão

FONTE: As autoras (2018)

Esse tipo de argumentação tende a ser mais claro com o que o autor pretende expor para o leitor. Primeiro, seleciona os fatores argumentativos, em uma única sentença de mesma classe argumentativa, para depois explicar o que estes podem acarretar. Estabelecendo uma equação lógica de: argumento 1 + conjunção coordenada aditiva “e” + argumento 2 = conclusão.

O segundo operador argumentativo mais utilizado nos artigos analisados foi a conjunção coordenada alternativa “ou”, que segundo os estudos de Koch (2010), são aquelas que permitem ao autor introduzir argumentos de forma alternada, a fim de apresentar conclusões diferentes ou opostas.

Esse operador argumentativo apresenta notável relevância para a escrita na fundamentação teórica, pois permite que o autor do texto guie o leitor a duas conclusões possíveis que provêm do centro do argumento. Por meio do operador “ou” o autor revela as possibilidades que existem e interferem em sua pesquisa, para assim, comprovar ao leitor que de um mesmo assunto podem surgir conclusões diversificadas. Após mostrar as possibilidades é importante apresentar aquela que dará continuidade à base teórica do texto. Podemos ver a relevância desse operador no Quadro 5.

QUADRO 5 – Exemplos com o Operador Argumentativo “ou”

[...] Neste caso, há um padrão de normalidade. Aquele que se desvia desse padrão é considerado “anormal” e precisa ser reabilitado, melhorado, para se enquadrar nos padrões da sociedade. Essa matriz é perceptível em atitudes que colocam a deficiência como critério de lotação de determinadas vagas de trabalho ou a colocação da pessoa em um setor à parte, separada dos outros funcionários.
Inovação social aparece como termo associado a iniciativas relacionadas às transformações no trabalho, no emprego e nas novas competências requeridas em face de globalização da economia (COOPERRIDER e PASMORE, 1991; HUTCHINS, 1991), assim como termo referente a ampla introdução da tecnologia da informação no ambiente de trabalho (ZACK, MCKENNEY, 1995), ou a crescente atuação das grandes corporações em problema sociais, gerando os movimentos de responsabilidade social corporativa (KANTER, 1999; MARGOLIS e WALSH, 2003).
Legenda: Introdução argumentativa Operador argumentativo Conclusão oposta

FONTE: As autoras (2018)

Na lista de ocorrências apresentadas no Quadro 3, o terceiro operador argumentativo mais frequente é a conjunção coordenada adversativa “mas”, esta exerce papel de contraste ou oposição de ideias entre uma oração e outra.

QUADRO 6 – Exemplos com o operador argumentativo “mas”

Para Baker (2000) as perspectivas pessoais sobre marketing podem variar , mas a proposição central permanece: marketing se preocupa com a identificação, criação e manutenção de relacionamentos de troca (comercial) mutuamente satisfatórios.
Para Machado, Barros e Palhano (2003), o número e a atuação de mulheres nos negócios têm sido cada vez maiores , mas as diferenças no processo entre os gêneros ainda permanecem sem resposta e continuam a despertar o interesse dos pesquisadores.
Legenda: Enunciado argumentativo Operador argumentativo Enunciado argumentativo oposto

FONTE: As autoras (2018)

Segundo Ducrot (apud Koch 2011, p.104), o operador “mas” é um operador argumentativo por excelência. Isso porque o autor introduz um argumento que apresenta uma possibilidade de conclusão, e em seguida apresenta um argumento decisivo que direciona o leitor a uma conclusão particular, contrapondo os argumentos anteriores. Todos os enunciados introduzidos após o operador “mas” são os argumentos que predominam.

O quarto elemento mais frequente nas seções de fundamentação teórica foi o advérbio “ainda” que, como operador argumentativo, exerce uma importante função no corpo do texto da fundamentação teórica, pois possibilita ao autor retomar um pressuposto fundamentado anteriormente, mostrando assim, a importância de estabelecer um diálogo científico, retomando a ideia principal de um autor referenciado.

QUADRO 7 – Exemplos com o operador argumentativo “ainda”

A forma como os gestores compreendem e colocam em prática as ações ambientais influencia a capacidade da empresa de tomar medidas rentáveis, a fim de preservar os recursos naturais (HART; DOWELL, 2011). No entanto, ainda há alguma resistência por parte dos gestores para a realização de ações proativas para o ambiente, o que pode gerar uma melhor rentabilidade.
[...]Apesar do termo competências não ser considerado novo, ainda existe uma diversidade de designações que, muitas vezes, causam dúvidas em relação a sua compreensão e aplicabilidade.
Legenda: Conteúdo Operador argumentativo Introdução de conteúdo pressuposto

FONTE: As autoras (2018)

O quinto item lexical mais frequente no corpus foi a conjunção coordenativa conclusiva “pois” com 271 ocorrências. O operador “pois” apresenta conclusões relativas aos argumentos já enunciados (KOCH, 2010), o que permite ao escritor expor as argumentações de terceiros direcionando o leitor aos parâmetros conclusivos na mesma linha de raciocínio. Tal como exemplificado no Quadro 8.

QUADRO 8 – Exemplos com o operador argumentativo “pois”

Kaplan e Norton (2008) consideram que uma organização está alinhada quando todo o pessoal tem um propósito comum e uma visão compartilhada, pois , ao entenderem a importância do seu papel individual, as pessoas apoiam a implementação da estratégia geral.
A inter-relação existente em uma organização é vital para estabilidade, pois garante sua permanência no contexto em que está inserido.
Legenda: Enunciado anterior Operador argumentativo Conclusões relativas

Fonte: As autoras (2018).

O operador argumentativo “já que”, possui uma leve semelhança com o operador “pois”, ambos trabalham com enunciados anteriores, mas o “já que” possui a função de introduzir ao leitor as justificativas ou explicações de tais argumentos. É interessante seu uso na fundamentação teórica porque afirma por meio de uma explicação, o real motivo de estar sendo discutido tal assunto. Explicações norteiam uma boa argumentação, principalmente, quando são explicitados motivos que sugerem mais de um conceito ou possibilidade. Quando esses são explicados permitem direcionar o leitor ao exato ponto pretendido. Segue-se exemplos no Quadro 9.

QUADRO 9 – Exemplos com o operador argumentativo “que”

O exercício político não é uma condição individual; trata-se de uma capacidade coletiva, que deve ser adquirida, desenvolvida e mantida, já que os atores sociais estão inseridos nas relações por causa dos vínculos e das atividades que exercem no plano coletivo.
Laroche (1995) é convergente com esse pensamento e demonstra como é importante entender a decisão e a tomada de decisão dos indivíduos nas corporações como representações sociais, já que elas influenciam os processos, facilitam a ação e dão significado ao que acontece nas organizações.
Legenda: Referência ao enunciado anterior Operador argumentativo Explicação/justificativa

FONTE: As autoras (2018)

Ao explicar diversos fatores que englobam um determinado conceito ou situação, de maneira a mostrar ao leitor quais dos fatores possuem maior relevância, foram utilizados os argumentadores “mesmo” e “até mesmo”, totalizando uma frequência de uso de 34 e 37 vezes, respectivamente.

Esses operadores possibilitam para a escrita argumentativa, construir uma sentença em que dispõe ao leitor vários elementos seguidos que formem uma escala argumentativa, direcionando a conclusão com a argumentação mais forte (KOCH, 2010). O operador analisado foi o que apresentou maior frequência, ou seja, o “até mesmo”.

QUADRO 10 – Exemplos com o operador argumentativo “até mesmo”

A vergonha explica a dificuldade que as vítimas tem de se expressar, sobretudo quando o assédio é individual. **Confusas e humilhadas ficam sem condições de se defender sozinhas, de tomar as providências corretas** e **até mesmo de ousar falar**. Precisam, portanto, **de interlocutores dentro da empresa, desvinculados da hierarquia**.

O administrador atual precisa, então, ser capaz de **promover ações transformadoras radicais, alterando conceitos, produtos ou procedimentos**; **até mesmo a função do capital físico e financeiro precisa ser revista**, refletindo em torno do conjunto de crenças e valores que possui para conduzir sua vida.

Legenda:

Escala argumentativa

Argumento mais forte

Operador argumentativo

Conclusão

FONTE: As autoras (2018)

Com relação ao operador argumentativo com menor frequência, temos o “mais que”, aparentemente constando 12 vezes em 10 artigos científicos, mas quando analisado, foi possível constatar que somente 6 vezes ele aparece com a função argumentativa, como postulado por Koch (2010). Dos artigos que o “mais que” esteve presente, 3 eram da área de planejamento estratégico e 2 eram de Gestão de Pessoas, sendo nesse último repetido duas vezes em um mesmo artigo.

O “mais que”, possui a essencial função de estabelecer comparação entre dois ou mais elementos com a intenção de dirigir o leitor a uma dada conclusão (KOCH, 2010). Como pode ser observado no Quadro 11.

QUADRO 11 – Exemplos com o operador argumentativo “mais que”

Nesse sentido, acredita-se que toda a ideologia, independentemente de sua adjetivação, contém uma intencionalidade e remete a uma construção que se quer hegemônica, no sentido gramsciano. Para Löwy (2010), **mais que falseamento da realidade**, como a ideologia em termos marxistas apontava, **a hegemonia se coloca como liderança moral, política, estética, representando interesses de um grupo particular da sociedade que busca controlar qual o projeto societário em vigor**.

Entretanto, segundo Arozo (2006) **o S&OP é muito mais que um processo tático ou de integração da cadeia de abastecimento**, ele pode ser considerado como um processo de planejamento integrado do negócio, em que se deve analisar como realizar os planos estratégicos, juntamente com os planos financeiros, atingindo os indicadores de desempenho.

Legenda:

Elementos comparativos

Operador argumentativo

Conclusão

FONTE: As autoras (2018)

Deve-se levar em consideração a complexidade desse operador argumentativo na escrita. Para que o “mais que” seja utilizado com êxito e sem redundância, como pudemos observar durante as análises que em uma das sentenças analisadas em que o autor da frase, cita duas referências distintas, mas com a mesma ideologia. Mais do que apenas usar o “mais que” é essencial *saber como* usá-lo, sendo essa uma das hipóteses que explica a sua baixa frequência dos artigos científicos analisados.

Esse operador argumentativo possibilita ao escritor expor os diálogos externos de forma a sumarizá-los, ao fazer um pano de fundo, para apresentar as argumentações do autor do texto. Graff e Birkenstein (2014, p. 20), consideram que o escritor precisa expor claramente, não somente o que as teses defendem, mas também as ideias principais que essas teses estão contrapondo. É necessário introduzir o leitor ao que outros autores dizem, para assim, complementar com argumentos afirmativos ou contrários à ideia central apresentada, desse modo é possível mostrar o valor que a pesquisa possui ao verificar com aquelas que já existem.

Quando no texto (verbal ou não verbal) o autor apresenta somente as suas ideias sem contextualizar o ouvinte/leitor a respeito do assunto, a sua explanação fica vaga e não permite ao público saber se a tese apresentada tem valor ou lógica no nicho que se encontra. Ao citar falas de outros, de maneira positiva ou negativa a suas falas, o receptor poderá julgar de acordo com a visão panorâmica que está sendo exposta a ele, isso permite ao emissor direcionar o leitor a conclusão que lhe agrade.

A fundamentação teórica exige em sua estrutura complexa, que o autor do artigo saiba expor com lógica as suas novas propostas ao campo científico, para isso, os diálogos científicos podem ser organizados de maneira a comparar argumentos de autores diferentes, ocupando um espaço específico e direto ao explaná-los. Apesar do operador argumentativo “mais que”, não ter sido muito utilizado em artigos que são classificados por seu êxito em pesquisa e escrita, é possível utilizar da função primordial dele e introduzir o seu uso em futuros artigos científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como propósito abordar a importância da escrita argumentativa em fundamentações teóricas de artigos científicos. Foram analisados apenas os operadores morfológicos que em determinados contextos atribuem o valor de argumentar.

A partir dessa análise, observando a língua numa perspectiva probabilístico-argumentativa, pode-se constatar que as argumentações ocorrem com maior

frequência quando somados os elementos argumentativos, conduzindo o leitor a uma conclusão já previamente definida pelo autor, neste caso, o operador argumentativo “e”. Argumentos que remetem a enunciados anteriores “ainda”, “já que”, e “pois” tiveram uma frequência considerável, comprovando que nos textos redigidos, o *diálogo científico* acontece e permite expor ao leitor a importância e o valor que a específica análise possui.

Argumentos comparativos como o uso do “mais que” tiveram baixa frequência nas fundamentações teóricas analisadas. Possibilitando futuros estudos e análises para serem discutidas se esse tipo de argumentação é menos eficaz que as outras ou se é pelo fato desse operador argumentativo não ser muito conhecido por aqueles que escrevem artigos científicos.

Há muito mais para ser analisado no que compete a Linguística Textual e a teoria da argumentatividade. Este artigo manteve-se somente nos operadores argumentativos, mas outras teorias podem ser aplicadas para analisar e incentivar a relevância da escrita na seção de fundamentação teórica, já que é nela que se discutem os reais valores e ideias que conduzem toda análise e pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

CABRAL, A. L. T. Linguística textual e teoria da argumentação: texto e língua em diálogo. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R. (Org.). **Linguística textual**: diálogos Interdisciplinares. São Paulo, Labrador, 2017. p. 241- 249.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Guia do trabalho científico**: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Contexto, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAFF, G.; BIRKENSTEIN, C. **They say/I say**: the moves that matter in Academic Writing. 3rd ed. New York: W. W. Norton & Company. 2014.

KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

_____. **Linguística textual**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2012.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University, 1990.

SWALES, J. M.; FEAK, C. B. **Abstracts and the writing of abstracts**. Michigan: University of Michigan, 2009.

SWALES, J. M.; FEAK, C. B. **Academic writing for graduate students**. 3rd ed. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 2012.